

## ENTREVISTA COM O PROFESSOR ANTONIO AUGUSTO SOARES AMORA<sup>1</sup>

*Nascido no município de Itaquera (São Paulo), Antonio Augusto Soares Amora bem cedo revelou sua vocação para o estudo das Letras, em parte influenciado pelo ambiente familiar. Licenciado em Letras pela Universidade de São Paulo, na mesma instituição foi construindo uma carreira universitária de prestígio, seguindo os vários degraus: assistente -- do Professor Fidelino Figueiredo, de 1942 a 1955 --; doutor em Letras; livre-docente; e professor catedrático. Em várias estadas em Portugal, Alemanha e Estados Unidos, realizou inúmeras pesquisas. Em 1955 criou, em São Paulo, o Instituto de Estudos Portugueses – hoje, Centro de Estudos Portugueses –, que teve importância decisiva no processo de organização da Faculdade de Assis. Em 1959, foi nomeado pelo governador do Estado de São Paulo para criar e organizar*

---

<sup>1</sup> Efetuada por Teresa Malatian, em São Paulo, em 30 de janeiro de 1992. [Doravante, entrevistado -AA; entrevistadora -TM] CEDEM – Projeto - Institutos Isolados de Ensino Superior de São Paulo (1923-1976). Memória e História.

*a estrutura pedagógica e administrativa da Faculdade de Filosofia de Assis, em seu primeiro curso de Letras. O professor Amora foi responsável pela criação de um projeto original que deixou marca indelével na história daquela faculdade.*

**Tereza Malatian** - *É sabido que a UNESP teve sua origem a partir da aglutinação de um núcleo inicial de escolas, os Institutos Isolados do Ensino Superior do Estado de São Paulo. Como o senhor foi um dos diretores responsáveis por esse início, gostaria que nos relatasse esse início.*

**Antonio Amora** - Em 1958 foram criadas as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. Passados mais um, dois ou três anos, em Ribeirão Preto, onde havia já uma Faculdade de Medicina da USP, criou-se mais uma Faculdade de Farmácia e Odontologia. Foi encampada uma Faculdade de Farmácia e Odontologia antiga; foi estadualizada, portanto, Ribeirão Preto. Em fins dos anos 1950, os Institutos Isolados de Ensino Supe-

rior eram uma pequena rede de institutos disseminados, um pouco aleatoriamente, no Estado. Assis estava muito próximo de Prudente, Prudente estava próximo de Marília, quer dizer, ali naquelas três cidades, na Alta Paulista e Alta Sorocabana, logo três Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. E depois, a outra estava muito longe, porque vinha aqui para Rio Claro. Logo depois, surgiu a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto, que foi encampada, era municipal e foi encampada pelo Estado e depois surgiu a de Franca, tivemos a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Franca. Nessa altura, esse sistema era gerido por um Conselho chamado Conselhinho. Era Conselho... Eu não me lembro como chamava, Conselho de Direção dos Institutos Isolados, mas enfim, Conselho dos Institutos Isolados, para não se confundir com Conselho Universitário dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo, o dito Conselhinho era presidido pelo Zeferino Vaz. O Professor Zeferino Vaz foi, digamos assim, o construtor da Fac-

uldade de Medicina de Ribeirão Preto, que estava vivendo aquela experiência de Ribeirão Preto e que tinha um grande prestígio na política universitária, no Conselho da Universidade de São Paulo, porque ele era professor também da Universidade de São Paulo. Podia ser e foi, para todos nós, um bom líder de política universitária, o Professor Zeferino Vaz. Depois o Professor Zeferino Vaz foi para Brasília, já em 1964, foi para Brasília como reitor e depois voltou a São Paulo e foi para a UNICAMP. Concluiu a UNICAMP, que era uma universidade muito mais projetada do que realizada e desenvolveu bastante a UNICAMP, na última fase de sua vida. Eu não sei exatamente o ano em que o Conselhinho foi transformado em Conselho Universitário, que é quando foi criada a UNESP, mas isso você deve saber.

**TM** - *Foi em 1976. A criação da UNESP é de 1976.*

**AA** - Já, portanto, há 15 anos, há 16 anos é a UNESP. Portanto, esse Con-

selhinho vem até 1976. A propósito, nesta primeira fase da criação desse sistema de ensino, desse Sistema de Institutos de Ensino Superior do Estado, fora da Universidade de São Paulo, primeiro houve o erro, como eu disse a você, que foi a disseminação sem um critério adequado, o que havia era critério político. Cada um procurou salvar as suas unidades na medida que pôde, levando para lá a sua responsabilidade profissional. Os Institutos se organizaram mais rapidamente. Eu, por exemplo, tinha uma experiência, não só porque entrei na USP em 1935 como estudante, vivi muito a USP, vivo muito USP. Eu além disso, em 1949, fui cedido pela Faculdade de Filosofia, para uma assessoria ao reitor da Universidade de São Paulo, o Professor Lineu Prestes, e acabei adquirindo um conhecimento muito útil, fui chefe de gabinete em três reitorias, sem prejuízo das minhas funções de professor de Letras. Adquiri uma experiência muito grande na Universidade de São Paulo. Além de tudo, pude levar para Assis uma experiência de como gerir um instituto universitário,

isso me valeu muito, porque a questão não era apenas uma questão de competência ou não competência numa área de trabalho. Eu, Letras, Literatura Portuguesa; o João Dias, Geografia Física; o Eurípedes, História Antiga e Medieval. Não era só uma questão de competência, era uma questão de competência gerencial, em termos de criação e desenvolvimento e implantação e consolidação de um instituto universitário.

Eu tinha também já trabalhado em várias universidades da Europa, dos Estados Unidos, quer dizer, tinha uma certa experiência, porque tinha visto coisas, pelo menos tinha visto coisas. E foi possível, portanto, a experiência de Assis como uma experiência peculiar, mas a experiência de Marília também foi peculiar, a experiência de Prudente, porque cada Instituto desses teve uma experiência peculiar, estava vivendo uma experiência peculiar com seus bons resultados, com seus resultados negativos. É só examinar e ver isso. Os azares dessa história são fáceis de retratar. Mas o que

contou foi o que cada um, a verdade é essa, procurou, com o seu brilho pessoal, fazer da sua unidade, embora implantada sem critério nenhum, mas fazer da sua unidade uma unidade que, perante a Universidade de São Paulo, não desonrasse a nossa responsabilidade. Estávamos preocupadíssimos com isso, porque nas nossas congregações, nós éramos constantemente interpelados sobre este crime de lesa-majestade, que era levar a Universidade de São Paulo para o interior do Estado, que é desfigurar a Universidade de São Paulo. Porque a Universidade de São Paulo é uma universidade de elite e implantar uma Universidade de São Paulo numa cidade de 35 mil habitantes, na boca do sertão que era Assis, onde encontrei índios; no terreno da Faculdade eu ainda construí, para dois índios que viviam no terreno da Faculdade, a casinha deles, a agüinha deles, as coisas deles, para não mexer com eles. Por aí se vê que, realmente, sair da Dr. Arnaldo, da Maria Antônia, da Praça da República etc, enfim, da urbs paulista para a boca do sertão, isso era um crime de lesa-majes-

tade. Havia uma incompatibilidade entre o interior e a Universidade. Naquela época também sofremos, sofrer no bom sentido, quer dizer, fomos interpelados muitas vezes, de maneira que cada um procurou responder seriamente pela sua responsabilidade e procurou fazer o melhor possível. Portanto, as condições eram bastante adversas para cada uma dessas unidades e cada um fez o que pôde.

Eu, como disse, tive a sorte de conhecer aquilo que se chama “o queijo por dentro”, conhecia a USP intimamente, sabia como movimentar uns cordeizinhos para conseguir verbas, para conseguir dotações, para conseguir planos de construção, para conseguir, com certeza. Não que a USP fosse responsável, mas me dava uma cobertura e uma projeção e consegui. Assim foi possível instalar, Assis imediatamente construiu o seu campus; instalar e levar professores e pagar tempo integral para esses professores, todos com tempo integral. Naquele tempo o professor em São Paulo ganhava 17 mil réis, 17 contos, aqui em São Paulo,

o professor com tempo pleno, professor pleno e os professores foram para Assis com 35 contos cada um, ganhando o dobro do que se ganhava em São Paulo, para, integralmente, dedicar-se à organização da Faculdade.

Enfim, devo dizer a você que há um capítulo aí muito importante a considerar, que é a atuação de cada responsável, de cada grupo responsável por essas unidades, porque elas são muito diferentes. A gente vê que umas se projetaram, outras não se projetaram, mas por quê? Prudente tinha muito mais condições, muito mais condições que Assis, mas o rapaz, lembrei-me o nome dele agora, o professor que foi para lá, foi o professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, um professor distintíssimo, Fonseca, que era professor de Farmácia e Odontologia, para montar uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, com História, com Pedagogia e não sei o quê. Um homem distinto, mas no fim, estava completamente acuado. Depois saiu e veio um outro, que era

professor da PUC, excelente pessoa, mas completamente alheio, professor de ensino particular, Professor Fonsequina, um homem de muito prestígio nos meios católicos, mas enfim, não era um administrador e aquilo andou assim, um pouco lentamente no seu desenvolvimento, que eu não sei como está hoje Presidente Prudente. Mas sei, sei que lutou com muitas dificuldades. A própria Faculdade de Marília, o Querino Ribeiro começou muito bem, mas acontece que depois nós tivemos uma briga com o Jânio. Então o Jânio, a propósito de uma entrevista do Mário Schenberg, pediu publicamente, no jornal, uma censura pública ao Mário Schenberg. Nós nos aborrecemos porque não somos empregados do Sr. Jânio Quadros, muito menos do Governo do Estado. Somos professores e a opinião do Mário Schenberg era sobre o problema de verbas para pesquisa, para investigação, não tem nada de coisa política. Então nós entregamos ao Jânio, em 24 horas, quase 70 funções públicas que ocupávamos, sendo professores da Universidade, a maior parte delas sem ganhar nada. E

o Eurípedes saiu, o Querino Ribeiro saiu de Marília, o João Dias da Silveira saiu de Rio Claro, eu saí de Assis e todos, de repente, entregamos tudo isso na mão do Sr. Jânio Quadros. Depois fui chamado pelo Jânio, fomos colegas desde o tempo de professores secundários e ele me pediu para consertar as coisas e depois arrumamos as coisas. Ele se compôs publicamente com o Mário Schenberg.

Enfim, por várias razões, os azares dessas instituições têm que ser vistos isoladamente, porque cada uma é uma história, cada uma dessas faculdades é uma história. E para entender a evolução dessas unidades, é preciso entender uma outra coisa: o objetivo que se estabeleceu para cada uma dessas unidades. Quando se criou a USP, o que nós tínhamos aqui? Escolas boas, mas escolas de formação profissional, escolas para formar profissionais. Formar bons médicos, bons advogados, bons engenheiros, escolas profissionais de nível superior. Era isso. Quando veio esta idéia, trazida por determinados elementos, foi o caso do Júlio

Mesquita, que tinha feito curso, inclusive, em França, na Europa, a idéia de que uma universidade era uma geradora de conhecimentos; a universidade é, preliminarmente, gestatória, a universidade é uma organização gestatória, não é uma escola, uma Escola Normal Superior, não é uma escola de formação superior, ela não é uma escola técnica superior, ela é um centro de produção do saber e de divulgação do saber, é isso. Quando nós saímos daqui, cada um levou uma idéia, achei que Assis devia ser assim, achei que Assis devia ser uma Faculdade de Letras, como foi criada a Universidade de São Paulo, para gerar saber. Era preciso que, em Francês, se produzisse em Assis um produto tão bom quanto se podia produzir em qualquer centro de estudos franceses. Era necessário produzir em Literatura Brasileira, qualquer coisa tão boa quanto se podia produzir, digamos, talvez, em São Paulo, porque a coisa estava um pouco crítica em São Paulo, por isso, em Brasileira, levei o Antônio Candido. E depois levei o Jorge de Sena para a Literatura Portuguesa, ou seja, fui escolhendo

professores estrangeiros que estavam em São Paulo, Professor Antonio Bento, Professor Speyer, professores estrangeiros, fui levando uma equipe de professores dispostos a gerar saber. As faculdades de Odontologia, de modo geral, foram implantadas com o espírito do Zeferino. Elas foram implantadas com o espírito da formação profissional e da prestação de serviço comunitário. É uma política completamente diferente, de maneira que era preciso um bom ambulatório, uma boa clínica, atender à população rural, para isso que se pôs uma Faculdade de Odontologia em Araçatuba, não é para que surjam em Araçatuba pesquisadores com a competência de pesquisadores da metalurgia dentária, que existe em qualquer lugar do mundo. Aquilo era uma idéia, foi uma idéia que não existiu nas faculdades de Farmácia e Odontologia, elas eram de formação profissional, de boa qualidade, mas de prestação de serviço às comunidades. Era preciso que elas se integrassem às comunidades, permeabilizassem as comunidades e dessem serviço à comunidade. E as faculdades

de Filosofia, algumas achavam que o problema da faculdade de Filosofia - o curso de Letras, por exemplo, eu só levei Letras -, era um problema de formação de desenvolvimento de saber, quer dizer, continuar o trabalho que desenvolvíamos em São Paulo: levar pesquisadores, levar investigadores e formar pesquisadores e investigadores. Sem prejuízo, naturalmente, de atendermos à demanda de vagas para curso superior. Mas os cursos eram todos voltados para a formação, digamos assim, do espírito de investigação do tempo integral e do espírito criativo. Sempre, todo o curso era orientado neste sentido. Outras, o caso de Marília, por exemplo, o objetivo era formar professores secundários no interior e não erradicá-los do interior, porque o que se notava é que a juventude vinha para São Paulo, estudava na Maria Antônia e depois ninguém voltava mais para ser professor no interior, ficava por aqui, evidentemente. Ninguém quer voltar mais para o interior. Então formando, vamos dizer, aquelas ninhadas de licenciados interioranos, eles iam se fixando nas próprias regiões.

Uma estratégia completamente diferente, foi a estratégia, portanto, de Marília, foi a estratégia de Prudente e não foi a estratégia, evidentemente, de Assis. Só para dar exemplos. Outras unidades interioranas acabaram por tentar conciliar os dois objetivos. Foi o caso de Franca. Franca procurou conciliar os dois objetivos, de um lado, contar com professores que saíam da USP ou que se aposentavam e que eram investigadores brilhantes, foi o caso do Nunes Dias, um notabilíssimo investigador, e do outro lado, também levaram bons formadores de profissionais, quer dizer, as duas coisas a atender, considerando que há alunos que são propensos mais para a carreira profissional, entram para ser professores e também não têm intenção de mais nada. Então é necessário que haja professores capazes de formar bons professores. Nas faculdades de Odontologia, a mesma coisa, umas ficaram nas clínicas, no trabalho prático, higiene bucal, era mais importante ensinar o sujeito a limpar um dente, a pôr o remédio, a fazer uma coisa, do que formar um pesquisador, sei lá, em

Araçatuba, qualquer coisa. Portanto, é preciso vocês terem em conta os objetivos diferentes que se tentaram imprimir de início. Depois, esses objetivos foram alcançados.

Também uma outra coisa que é preciso entender, é que alguns dos responsáveis pela criação dessas unidades, alguns tinham espírito universitário, outros não tinham espírito de universidade, o espírito universitário, quer dizer, espírito não só da universidade, como o que ela deve ser como universidade, como um estilo de vivência. Nós vivemos uma coisa chamada universidade não porque fazemos política universitária, porque vivemos dentro da universidade, porque vivemos tempo integral, porque só fazemos isso, que participamos das reuniões, que temos os colegas, a vida universitária. Tem uma coisa que as universidades inglesas, mesmo as alemãs, as inglesas e as americanas, onde eu trabalhei, o campus universitário cria logo a ambiência universitária dentro da qual se vive. Todo mundo respira universidade

dentro do campus. Eu, por acaso, tinha vivido e vivia essa experiência, saía, ia para cursos estrangeiros, voltava. Procurei dar a Assis um pouco desse espírito universitário, embora se tratasse de uma unidade isolada e com um curso reduzido, o curso de Letras; depois criou-se, quando eu saí, História, corretamente, complementando Letras, História, estávamos nas Humanidades, muito bem. Mas depois criou-se Psicologia, nada a propósito Psicologia em Assis. Em todo o caso, a idéia era viver em Assis um campus universitário. Então os alunos tinham o ônibus, levava todos de manhã, passavam lá as manhãs. As manhãs eram todas dedicadas à pesquisa e aos estudos. O silêncio era mantido naquele campus todo e ficavam todos lá, trabalhando nas suas coisinhas. À hora do almoço, o ônibus levava à cidade ali, a 5 km, levava, cada um ia para casa e depois voltava à tarde, para as aulas. Tentar dar um ambiente: “Eu vou para a Universidade viver um dia agradável,” uns com os outros e assim por diante. Resultou? Não resultou? Isso são os azares das coisas, são os

azares das instituições. Acredito que sim, que em grande parte resultou, foi possível viver uns anos de vida universitária, com as grandes vantagens da vida universitária. Porque a vida universitária é uma vida de convívio intelectual, e isso é o mais importante. Não é o convívio afetivo, é o convívio intelectual. Não sabemos o que você está fazendo. Aí você diz: “Eu estou com este problema, têm que ser resolvidos estes problemas”. Como eram todos de Letras, então há toda uma troca, toda uma permuta. Ainda hoje há professores que dizem: “Ah, você não imagina como o Cândido me ajudou, como o Antonio Cândido me ajudou, você não imagina o que eu aprendi com o professor Bento, de Grego”. Quer dizer, vamos uns aprendendo com os outros, os mais novos com os mais velhos. Portanto, esses Institutos vieram a constituir a UNESP, depois criaram-se outros Institutos, outras faculdades, outras unidades e aí está a UNESP.

Eu tenho a impressão que o próprio trabalho de vocês agora, no sentido

de retrair um pouco desses 35 anos e essencializar esta memória e conscientizar esta memória, é realmente uma medida muito importante. Eu estou sentindo isso, o Landim está muito preocupado com isto, eu tenho visto lá, ele é meu companheiro de conselho na Fundação Anchieta. A gente sente que ele está muito preocupado com isto, quer dizer, é preciso corporificar a UNESP, corporificar, dar corpo, mas é preciso também revitalizar este corpo e espiritualizar este corpo. Agora, a espiritualização depende fundamentalmente de uma consciência. Está claro que UNESP ou USP é a mesma coisa. Fundamentalmente, a UNESP não tem um papel diferente, eu não sei, está se falando muito agora da diferença do papel. Acho que não, esse negócio de universidade caipira ou qualquer coisa, eu acho isso engraçadinho, não é? Uma boa piada. Eu vi outro dia o artigo do Landim sobre isso, é uma maneira de dizer como a gente é concebido como a universidade caipira ou qualquer coisa, mas não é isso. Uma universidade é uma universidade. Uma universidade é uma instituição que,

fundamentalmente, só pode ser uma coisa. Ela tem que ter o seu papel, sua irradiação; seu papel é irradiante, mas ela é fundamentalmente uma instituição que tem que gerar saber. Se ela não gerar saber, ela não subsiste, porque é o que está acontecendo agora, a Universidade Paulista, Universidade não sei que, a Universidade São Judas Tadeu, a Universidade Brás Cubas, a Universidade de Mogi, a Universidade de Caixa-Pregos, a Universidade, sei lá, de Roraima, não é? Tem universidade em todo o lugar. A UNESP, acho que é muito importante, agora, que ela retraça a sua história. Veja, qual é a lição dessa história? Quer dizer, o que se perdeu ao longo do caminho, que é preciso retomar ao longo do caminho e o que é preciso conservar, a duras penas, é preciso conservar. E os objetivos, que são dois ou três objetivos das universidades, zelar por esse objetivos. Isso faz parte da própria consciência do intelectual. Faz parte do dever do intelectual, do cientista, a defesa da sua liberdade. Se ele não tem liberdade de pensar e escrever, não pode ser, de maneira que a gente briga,

por isso mesmo. No mais, não confundir as brigazinhas, que nós chamamos cartoriais: há professores que, às vezes, perdem muito tempo com isto, ficam naquela luta, o espírito sindical, aumento de vencimentos, eu não sei o quê. Eu sou da ADUSP, acho que o papel da ADUSP é importantíssimo, acho que a ADUSP está aí, zelosa e vigilante, é muito importante, mas não se pode jogar, não se pode jogar todos os professores dentro dessa luta.

**TM** - *Eu vejo que o projeto dos Institutos Isolados seria uma obra que se poderia dizer “civilizatória”, entre outras. Então, indagaria: qual foi a receptividade da comunidade de Assis a este projeto, em termos de alunos que foram enviados, até da própria arregimentação de funcionários e de professores, e a repercussão em relação à Faculdade, entre esta e o meio em que ela foi inserida?*

**AA** - A receptividade, desde aquela hora mesma foi calorosa. Foi calorosa, foi entusiástica, sem restrição nenhuma. Essa receptividade, de um lado, era a

receptividade social ao processo. As famílias que receberam minha mulher e que depois receberam as famílias dos professores, que acarinharam e que, enfim, me prestigiaram, foi essa receptividade, pelo menos, social. Em Assis foi total, não tivemos um caso de restrição qualquer que pudesse haver. Aconteceu, no entanto, o que era previsível: as pessoas, naturalmente, não estavam pensando exatamente o que era que se ia fazer, não tinham uma idéia do que se ia fazer. Para alguns, era uma faculdade. Então foi preciso um certo trabalho junto a certas instituições, como o Instituto de Educação, certas instituições como os colégios, havia dois colégios, um que você sabe, um de freira. Dois colégios, colégio e um trabalho paroquial, junto ao bispo, junto ao bispado, para dizer o que é que se pretendia fazer. À proporção que se foi explicando o que é que se ia fazer, foram surgindo, senão algumas discordâncias, expectativas frustradas quanto à possibilidade, talvez, de alguma posição, ou do corpo docente, ou da direção. Todas as terras têm os seus pró-homens, não é?

Têm as suas pessoas proeminentes. Então foi preciso conduzir este esclarecimento, vamos dizer, conduzir essa política de acomodação entre a realidade e a expectativa, com muita arte, muito cuidado. Mas encontramos, naturalmente, a partir desta altura, sim, algumas restrições, porque frustrações houve. Depois da Faculdade implantada – ela implantou-se paulatinamente, primeiro–, organizou-se durante o primeiro ano, só um curso preparatório para vestibulares, justamente para dar tempo à complementação do projeto de instalação. O projeto foi feito em São Paulo. Ele saiu pronto e foi posto no chão pronto, foi todo preparado aqui, na USP. Até a lista dos livros, dos pacotes, os caixotes, tudo foi preparado aqui, os impressos, foi tudo prontinho. Não podia vir de lá para cá, tinha que ir daqui para lá. Mas, para dar tempo para fazer isso, durante um ano, o curso preparatório, foi possível irem as pessoas entendendo bem o que iam estudar, o que não iam estudar. Era uma Faculdade de Letras, o que era um curso de Grego, o que era um curso de Latim. E aí, naturalmente, houve tam-

bém, pode-se chamar, os desencantos, umas oposições. Primeiro ideológicas, é natural, porque o corpo docente tinha professores de vários compromissos ideológicos, desde professores católicos militantes, como o Professor Lázaro de Almeida Prado, que foi um líder do movimento estudantil de católicos, a um professor absolutamente indiferente, embora uma pessoa elegantíssima, o Professor Antonio Cândido; mas o Professor Antonio Cândido era um luterano. Mais o Professor Victor, que é do Partido Comunista. Quer dizer que era assim, uma espécie de muitas hipóteses, digamos comportamentais e os alunos não estavam entendendo, uns propenderam mais para esse lado, outros mais para aquele, dentro das influências e, aí, estas influências começaram a se irradiar pela sociedade, que começou a entender que o grupo de intelectuais, cientistas e professores era um grupo estranho, um grupo exótico, não um grupo, assim, homogêneo; não é bem assim o que se pensava. Não era o corpo docente do Instituto de Educação, o corpo docente de professores do Es-

tado, ou o corpo docente do colégio das freiras, professores católicos, é diferente. E aí então, era natural começarem a surgir as pequenas restrições. Mas concluindo, diga-se de passagem, reduziram-se a muito poucos. Portanto, a implantação foi feita, foi muito trabalhosa, quer dizer, este capítulo vale mais ser recordado pelo procedimento que foi preciso adotar para vencer. As resistências eram pequenas, mas havia resistências. Um exemplo: fomos inicialmente, claro, instalar imediatamente a Faculdade e as hipóteses eram as mais extravagantes possíveis, desde instalar num galpão que tinha sido depósito da Estação Sorocabana, até instalar num prédio, numa residência particular, e nós optamos por instalar, alugando o colégio das freiras. Alugando e fazendo uma maquiagem: elas ficaram com uma parte, nós alugamos a outra. O colégio tinha uma população pequena de estudantes e valeu a pena para elas e para nós, sem grandes modificações, adaptamos as instalações para o curso preparatório, enquanto começavam a construção do novo prédio. Essa história de

onde implantar já exigiu muito, porque há muitos interesses, sempre, dentro de uma cidade, do ponto de vista imobiliário. Há muitos interesses imobiliários. E quando foi para construir o campus então, tivemos resistências na Câmara e problemas que se levantaram etc., porque queriam que fosse instalada num bairro que era um bairro operário, que se chamava vila não sei o quê, um bairro operário, junto da Estação Sorocabana, e já veio o movimento dos funcionários da estação a favor da instalação. Portanto, foi preciso explicar-lhes porque que nós íamos para fora, porque íamos para um terreno de cinco alqueires, porque procurávamos uma mata nativa, porque isso, porque aquilo, porque aquilo outro, porque o projeto arquitetônico é esse, não é aquele. Foi preciso uma sessão tumultuada e longa e cansativa, que eu tive que enfrentar na Câmara dos Vereadores, para explicar porque estávamos indo lá. E eles depois entenderam, mas quer dizer, percebe-se que, se de um lado houve resistências, houve resistências a um estilo de vida, um estilo de comportamento que é da comu-

nidade acadêmica e universitária, houve depois a resistência onde pôr, segundo os interesses locais da cidade. A idéia de uma faculdade valorizava os terrenos em volta, valorizava as lojas e a farmácia e o bar da esquina e não sei quê. Tudo isso significa que - isso explica o grande êxito do Zeferino Vaz -, a implantação dessas unidades em função dessas dificuldades sociais, do meio ambiente social, só venceram, quando quem foi levar o projeto sabia tudo sobre o projeto. Tinha que saber tudo sobre o projeto, porque, porque, porque, porque, porquê. Porque realmente não há ninguém que não se renda à evidência dos argumentos, à evidência dos fatos. No dia em que se discutiu se ficava na Vila Operária ou se não ficava na Vila Operária, a Faculdade - porque o prefeito deu o terreno na Vila Operária e eu comprei por um cruzeiro, um cruzeiro, para não dizer doado, eu comprei! Comprei por um cruzeiro; paguei, fui ao cartório, custou mil réis, mil réis, um cruzeiro, os cinco alqueires do Zeca Santilli. Foi para explicar o projeto, que foi preciso uma hora de pro-

jeção do projeto, com arquitetos e tudo, o que se queria fazer e aquilo para fazer. Houve, portanto, a própria implantação, no sentido da integração de uma unidade atuante intelectual e cientificamente no meio; para fazer, precisa-se saber por que se está fazendo isso e o que está por trás disso. Porque, se hesitar, não faz. E se não tiver cuidado, dá-se o que aconteceu com os ingleses. No tempo da rainha Vitória, chamava processo de “cafrialização”, entre aspas, pode-se usar essa palavra, pode ser tomada no mau sentido, quando o crioulo ia transformando aquele estilo vitoriano em estilo crioulo. Na Inglaterra se dizia: a coisa foi cafrializada, quer dizer, o crioulo digeriu a coisa. O crioulo digeriu. Eu penso que foi preciso ter muito cuidado, porque senão a coisa se interiorizava, quer dizer, você conseguir isso e, de repente, não adiantava ter levado a universidade para o interior. Então, era deixar as próprias escolas, deixar que a coisa nascesse normalmente dentro do interior. Mas não era isso o que se queria. O que se queria era levar uma unidade universitária para uma cidade do interior,

que podia ser em Itatiaia, em qualquer lugar, no Himalaia, em qualquer lugar. Aí é que houve dificuldade.

**TM** - *Professor, nesse sentido, fico pensando que foi preciso uma força muito grande e não só conhecimento do pessoal que organizou a Faculdade, para resistir às pressões, inclusive políticas, para manter o projeto na sua forma original e não abrir à que nós poderíamos chamar, talvez, cultura local, às elites locais, que não estariam adequadas ao projeto inicial*

**AA** - É isso mesmo. Ao lado de se saber o que se vai fazer e saber tudo o que se vai fazer, é preciso realmente um grande ideal. A história da UNESP é a história de alguns idealistas. Onde houve grandes idealistas, a coisa marchou, porque enfim, o entusiasmo é que levava aquela coisa. Muita gente não entendeu. “Ah, mas por que o Zeferino fez Ribeirão Preto?”. A Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, de repente, era melhor que a Faculdade de Medicina

de Pinheiros. Mas o Zeferino tinha um entusiasmo fora do comum. Depois fez a UNICAMP. Por que o Zeferino fez a UNICAMP? Porque ele tinha realmente um grande ideal. Faltou competência, mas também faltou o ideal, a coisa não foi.

**TM** - *Fico pensando, Professor, quando o senhor mencionou os índios da região de Assis, como era esse corpo discente de Assis, o primeiro, o segundo, as primeiras turmas?*

**AA** - Olha, minha filha, a primeira turma, era um curso de Letras, só, com possibilidade de língua estrangeira e vernáculos. Quer dizer, vernáculo com Letras Clássicas, com Letras Estrangeiras. O estrangeiro era o Francês, o Italiano, o Espanhol, o Inglês, o Alemão. O primeiro corpo discente era formado de pessoas, de modo geral, que estavam disponíveis na cidade e à espera de uma oportunidade para continuar os seus estudos. Quer dizer que a maioria estava além da faixa etária normal, neste alunado montante, que é

por volta dos 20 anos. Nosso primeiro corpo discente estava com o alunado à altura de quase 30 anos, 20 e tantos, 30 anos. Eram professoras que já tinham estudado, terminado seus cursos e voltaram para o interior, ou terminaram o colégio há muito tempo, mas não continuaram, não tinham meios. E eram pessoas que representavam uma classe média alta dentro da cidade, pessoas que tinham meios e tudo, algumas até senhoras com filhos e tudo. Era natural, portanto, que o primeiro grupo saísse daí. Mas o segundo, à proporção que os vestibulares se sucederam, começou a aparecer um alunado normal, da classe dos 20 anos. O que caracterizou preliminarmente esse alunado foi um desnível muito grande entre, digamos assim, a competência desse alunado em termos de preparo, no caso de Letras, um preparo elementar em Língua Portuguesa, um preparo elementar, enfim, em alguma língua estrangeira que poderiam fazer e alguma educaçãozinha literária que tivesse. Essa competência era realmente modesta e, de outro lado, estava um professorado com um nível

de competência muito elevado. Então foi preciso desenvolver uma estratégia muito, digamos assim, muito cuidadosa, no sentido de rever a Didática, o comportamento didático dos professores. Entramos seriamente a discutir a Didática no ensino do Latim, a Didática no ensino da Crítica Literária, a Didática no ensino da Gramática, a Didática no ensino do Francês, a Didática... O que era importante para os professores, porque eram professores que, também futuramente, teriam que preparar futuros professores e alguns nunca tinham se debruçado sobre o problema das dificuldades da transmissão do conhecimento. Porque, se a Universidade, de um lado, é geradora de conhecimentos, ela também é um centro de transmissão de conhecimento, mas a transmissão do conhecimento exige toda uma sofisticação comportamental dentro da própria ciência e de acordo com o que recebe a ciência, o que recebe aquele conhecimento. De maneira que o curso de Assis, que pretendia ser um curso, digamos assim, praticamente igual ao de São Paulo, os programas passaram a ter um

curso desenvolvido em grande parte do ponto de vista, digamos, epistemológico, a teoria do conhecimento, como se chega ao conhecimento. Foi preciso, portanto, mudar a estratégia e alguns professores foram muito bons, muito bons mesmo, nunca tinham mexido com isso e de repente começaram a ver. Como é que se ensina Crítica Literária? Não é suficiente dizer: “Olha, leia, leia, leia, algum dia você acorda ou não acorda, o problema não é meu não!” É preciso, pelo menos, em dois ou três anos, modelar uma certa capacidade crítica. Como se lê um texto? Quer dizer, qual é a metodologia para se ensinar a ler um texto? O Professor Júlio Garcia Morejón vinha de Salamanca com um curso muito bom em matéria de análise estilística, de maneira que teve um papel muito importante com os colegas, mostrando como os espanhóis estavam desmontando textos e montando textos. E os alunos começaram a aprender a montar textos e desmontar textos etc., de maneira que, no ensino, houve, portanto uma mudança de comportamento, dado o fato de os alunos estarem, digamos num

nível de competência modesto, não era possível levar de forma excessivamente rígida, o que não levava a nada. Criava frustrações ou criava, sobretudo, o que seria uma desonestidade. É a escolinha do faz-de-conta: faz-de-conta que eu estou ensinando, você faz-de-conta que está aprendendo, depois no exame, você faz qualquer exame, eu dou nota para você passar. Nas universidades, isto é, nas falsas universidades, há muita escolinha do faz-de-conta, faz-de-conta, não é? Até faz-de-conta que não está fazendo de conta. Não, não, faz-de-conta penso que não dava e vamos começar a ver como é que vamos fazer juntos para chegar lá. Alguns professores mesmos fizeram. Na verdade, eles começaram, nunca tinham pensado nisso, isto é, aprender a ensinar.

**TM** - *Essas sessões de estudos - andei olhando um pouco a história da UNESP -, o senhor poderia falar a respeito?*

**AA** - A coisa foi feita da seguinte maneira: eu fui educado pelo meu sogro,

fui aluno do meu sogro, depois trabalhei com ele 25 anos como investigador, quer dizer, mamei isso e só sei fazer isso, faço mal feito, mas só sei fazer isso. Então tinha que ser tempo integral. O tempo integral era uma instituição, o *full time*, era uma instituição que vem dos laboratórios, porque a ameba, você tem que dar água a ela toda hora, toda hora dar a agüinha da ameba, então tem que estar olhando para ela, tem que estar lá. Portanto, havia o *full time*. Mas o chamado full time ou o tempo integral para as Ciências Humanas, ou as ciências do espírito, foi se transformando um pouquinho numa escola do faz-de-conta. Estou falando da minha Universidade, da minha Faculdade de Filosofia, da heróica Maria Antônia, dessas histórias todas. O pessoal ia para lá com período de aula de manhã ou de tarde. Depois, à noite, não importa, ia assistir às suas aulas, estava lá, depois ia para casa trabalhar. Cada um trabalhava em casa as coisas, os seus livros, as suas coisas, não tinha outra atividade, tinha só aquela, então, chamava isso de tempo integral. Quer dizer que não tinha a ameba,

nem olhava para a ameba. Então, quando fomos para Assis, eu disse: “Não pode ser, eu acho que nós devemos criar, em Assis, o tempo integral de Letras”. E o tempo integral de Letras é, primeiro, dar material de trabalho. Professor de Letras tem que ter no seu gabinete todo o material de que precisa ou receber todo o material de que precisa e deve ter um programa de viagens para trazer material propedêutico, como se desenvolve o projeto de trabalho. Muito bem, mas é preciso que ele cumpra o seu tempo integral, quer dizer, que ele olhe para a ameba. Temos que pôr, eu posso pôr as amebas, está lá, cheio de amebas, mas tem que olhar para elas. Criamos, você conhece Assis?

Aquele projeto foi bem elaborado por um casal de jovens arquitetos, os Toscano, jovens arquitetos, dois brilhantes jovens arquitetos. O caszinho foi para lá e viveu um tempo entre nós, fez fluxograma, fez aquele projeto e ficou assim, um ambiente. Já na outra faculdade, tínhamos começado a criar, dentro do pos-

sível, o ambiente para o tempo integral. Então foi isso. À tarde, como o curso era só um curso de Letras, deixamos as aulas para a tarde. De manhã, mais fresquinho, voltam mais descansados, todos preferiram a manhã para concentrar-se nos seus trabalhos. Então, de manhã, saíria às 8h, entrava na sua Faculdade, ia para o seu gabinete de trabalho e lá desenvolvia o seu trabalho. Olha para sua ameba. “Ah, não tem ameba”. Ou “Quantas amebas o senhor precisa?” “Eu preciso de x amebas”. Eu compro amebas. Ficou a chamada hora de estudos. Então, de manhã, os professores todos, mas os alunos também estavam em tempo integral, porque procuramos criar um comportamento de tempo integral. E o que o aluno vai fazer hoje de manhã na Faculdade? Ele vai estudar. Ele tem lições para fazer, ele tem livros para ler. Então o alunado ia de manhã, ia para suas sessões de estudo, que eram sessões orientadas, porque também a carga de trabalho à tarde se dirigia para criar uma situação ocupacional de manhã, de maneira que eu já dava, ele já dava ao aluno o que fazer. Então eles, de

manhã, já sabiam o que iam fazer, iam lá com inteira liberdade de ter a sua biblioteca, os seus livros, as suas coisas, as sessões de estudo. As próprias salas-de-aula é que se transformam em sessão de estudo e com inteira liberdade de fumar etc., levantar, sair. Afinal de contas, o estudante tinha que fazer seus trabalhos. Se tinha uma dificuldade, combinava com o professor, ia ao gabinete e o professor dava uma explicação. Isto é o que se procurou fazer e isso logrou-se fazer, logrou-se fazer, de certo modo, bem, o prédio, o primeiro prédio e de certo modo, muito bem, no outro prédio. Tínhamos ali um prédio mais amplo, as instalações mais adequadas.

As aulas eram curtas, porque 40 minutos, aulas de 40 minutos para não cansar, não transformar a aula numa salvação exaustiva para o aluno. O professor deve ser um elemento de formação de mentes, de espírito e não um indivíduo encarregado de massacrar e salivar alunos. Foi preciso estudar os horários. As sessões de estudos funcionaram muito

bem, os professores acharam a melhor solução porque as condições de habitação, numa cidade do interior, são, em geral, condições um pouco modestas, espaços, salas e gabinetes de trabalho, os professores nem ganham para a atividade. As casas eram alugadas e tudo, quer dizer, uma pessoa não tem, em casa, ambiente para trabalhar. Para se ir do centro para a Faculdade, a Faculdade dava a condução naquele horário, entrando às 8h na Faculdade. No seu gabinete, as suas coisas: tem o seu telefone, tem, como viu lá, tem enfim, tem condições, tem os seus livros, tem a sua máquina de escrever, pode trabalhar não só para preparar a aula e o curso que está dando, mas principalmente e aí que está uma coisa importante, é preciso dar uma razão de ser à chamada hora de estudo. Os alunos recebiam uma carga de ocupações para as horas de estudo, então as horas de estudo eram necessárias, porque eles tinham que fazer aquelas coisas. Estavam ocupados com as pesquisas, as leituras e à tarde, na aula e nos seminários, é possível apresentá-las. Mas o profes-

sorado aceitou o contrato, foi vantajoso nesse tempo, porque era o tempo integral máximo que São Paulo pagava e recebia-se em Assis, um lugar mais barato, por isso que os professores tiveram um status agradável, construíram as suas casas, compraram seu automóvel, criaram seus filhos. Ótimo, melhor do que é aqui. Mas os professores todos assinaram o contrato com obrigação de carreira de ensino. A carreira do ensino foi compulsória. Quer dizer, no contrato estava escrito que não seria renovado se o professor não tivesse feito o seu doutoramento, ou pelo menos já com tese pronta para ser defendida na Universidade de São Paulo. Bem, o que foi, sabia disso. A segunda renovação já era o encaminhamento da livre-docência. Naquele tempo não havia mestrado, era doutorado e a livre-docência. Então era preciso dois contratos de quatro anos, os que tinham doutoramento, era o caso do Professor Antônio Candido, que era professor não só em Assis, mas foi livre-docente da Universidade de São Paulo, não estava em fim de carreira, porque veio a ser titular em São Paulo. Mas os

outros todos fizeram livre-docência. O Erwin fez livre-docência, Naief Sáfydy fez livre-docência. Os estrangeiros não, porque esses, o regime europeu era diferente, dois europeus, dois alemães já tinham sido todos acadêmicos na Europa, mais os outros, todos. De maneira que a hora de estudo foi coisa providencial para esses professores. Por quê? Em casa não tinham condições. As casas são muito pequenas no interior e não tinham biblioteca. A maior parte desses professores, uns estavam desempregados, outros estavam recém-casados, outros tinham casa em São Paulo, mas não acabaram com a casa porque, enfim... De maneira que isso de chegar à Faculdade de manhã, fresquinho, ter lá a sua salinha para trabalhar, o seu livrinho, começar a escrever, preparar a sua tese doutoral... Uns voltavam de noite, lá ficavam a noite toda trabalhando. Em casa, não tinham condições, o bulício, a família, as crianças que entram, a rua ruidosa. Não havia condições, de maneira que, encurtando mais uma vez a resposta, as chamadas horas de estudo foram providenciais. Elas não resultaram

porque tivessem sido imaginadas corretamente, é porque elas foram providenciais, tanto para os alunos que tinham que preparar as coisas para a tarde, como para o professor, que tinha a carreira de ensino e tinha que preparar a sua tese de doutoramento. Posso pegar teses doutorais que estão aqui: “Recursos expressivos na evolução da obra dramática de Gerhart Hauptmann”, de Erwin Theodor Rosenthal, isso foi feito em Assis e publicado. Quer dizer, respondendo à mesma pergunta, há tantas aí outras, eu posso pegar, porque eram professores que não precisavam só de uma colocação, eram professores que precisavam fazer a sua carreira de ensino. E foi por terem feito a sua carreira de ensino que vieram para a Universidade de São Paulo. O Professor Erwin Theodor veio para a cadeira de Alemão na Universidade de São Paulo, veio fazer titular em São Paulo. O Professor Júlio Garcia Morejón veio para a Universidade de São Paulo, veio fazer titular na Universidade de São Paulo. O Professor Antônio Candido voltou à Universidade de São Paulo e foi contratado

como professor de Teoria Literária e depois, embora fosse antigo professor aqui, mas era de Ciências Sociais, não era de Letras, acabou fazendo sua tese para titular, titular de professor de Teoria da Literatura. O Professor Rolando Morel Pinto veio para a Universidade de São Paulo, fez a sua tese para titular de Língua Portuguesa; o Professor Naief Sáfydy foi para Belo Horizonte, onde fez o concurso para professor titular de Literatura Portuguesa, foi substituído agora há poucos meses pela Leila Duarte. Quer dizer, todos esses professores foram fazer carreira de ensino, foram preparar-se para ir pleitear o seu título na USP, ou noutra universidade qualquer. De maneira que a chamada sessão de estudos foi, digamos assim, uma medida conveniente. Não foi apenas uma imposição, foi uma medida conveniente. Era conveniente a todos ter um período de absoluto silêncio, que nem campanha se tocava dentro do prédio, nada, nada, nada, para que você pudesse trabalhar sossegadinho. Estava lá, hora de silêncio, hora de silêncio. Todos os luminosos, letreiros luminosos, as

luzes acendem: hora de silêncio, hora de silêncio, hora de silêncio. Depois apaga e à tarde, acende outra vez: sessão docente, sessão docente, todas as luzes. O negócio condicionava o sujeito às suas atividades. Pagam-lhe bem, dão-lhe sossego, o sujeito dizia: “Preciso de tais e tais livros”. “Eu faço a lista, está aí, vou encomendá-los. Se o senhor não fizer é porque o miolo não dá, porque tempo o senhor tem”. Portanto, a sessão de estudo resultou, mas ela era uma necessidade.

**TM** - *E perdeu-se isso. Infelizmente, perdeu-se isso.*

**AA** - Olha, minha filha, a coisa é o seguinte: os processos, digamos, os processos formadores de escolas só funcionam se eles forem processos complexos e interativos, quer dizer, você tem muitas medidas, mas uma está ligada a outra, não adianta medida isolada. “Olha, a partir desse ano, todo mundo vem de manhã para estudar”. Não adianta nada. Não, porque chega lá, “O que o senhor quer que eu estude?” “Ah, isso não é comigo”.

“O senhor está brincando comigo. Eu estou cheio de problemas em casa, a minha mulher, criança, isso e aquilo, eu ganho pouco”. Isso é loucura. Então, quer dizer, esses processos são processos complexíssimos, mas são interativos. Você vê, quando nós começamos a Faculdade, a Faculdade esteve um ano criada, com verbas e crescendo materialmente. Crescendo materialmente e mentalmente, porque os professores já estavam contratados, mas eles todos trabalhando no projeto, neste projeto interativo, depois, quer dizer, tudo que era preciso para que essa coisa funcionasse. E uma das coisas era material de trabalho. Você está aqui na minha casa e ao lado, há uma biblioteca. Você puxa qualquer coisa aí e você vê o que me custou, a mim, formado em 1935, entrado na universidade em 1935 e formado em 1939, para me especializar em Literatura Portuguesa, sem haver em São Paulo uma biblioteca de Literatura Portuguesa! Então, eu é que tive de ir comprando nos sebos, nos leilões, em viagem a Portugal, comprando os livrinhos aqui, aquele lá, aquele lá. Porque

do contrário, a gente não tinha. É como um cirurgião que não tem ferramenta. O senhor aprendeu a cirurgia. E a ferramenta? Ferramenta não há! Mas você vai aprender, aprende no livro de cirurgia. Não havia jeito de aprender Literatura sem ler os livros e tínhamos que comprar. Assis, todas essas bibliotecas foram montadas em São Paulo, empilhadas em São Paulo. Levamos mais de um ano comprando de importadores a biblioteca italiana, a biblioteca francesa, a biblioteca inglesa, a biblioteca alemã, a biblioteca grega, a biblioteca latina, a biblioteca de Literatura Portuguesa etc. etc. etc., para a escola. O Professor Antonio Cândido disse: “As bibliotecas têm que ser organizadas”. Os professores já estavam contratados. A sua primeira tarefa, além da organização desse processo interativo, foi a organização das bibliotecas. Então, cada um tinha que organizar a sua biblioteca, partindo das obras de referência, eliminadas as obras de referência: “Quais são as suas obras de referência? Você tem que saber, na sua matéria, quais são as suas obras de referência. São es-

sas. Muito bem. Às vezes, as suas obras de referência são semelhantes às minhas, independente de ser Literatura Brasileira ou Portuguesa, mas as obras de referência são as mesmas. Não tem importância, não é isso, são obras de referência. Quais são os seus textos básicos? Letras. Quais são os seus livros básicos de estudo? Esse, esse, esse, sem isso eu não posso trabalhar. Muito bem. Quais são as suas obras básicas? Quais são as suas revistas especializadas? Porque o professor tem que abrir as janelas, tem que respirar lá fora. Quais são as suas revistas internacionais? O professor deve ler algumas revistas”. Então, obras de referências, obras básicas e revistas. “Aqui, o senhor faça a sua lista”. Tudo isso foi comprado, tudo isso foi posto lá. No dia em que você sentou na sua sala, a Faculdade se inaugurou, você já tinha trabalhado em São Paulo o ano todo fazendo isso, você sentou, você inaugurou, você fez assim, os seus livros estavam lá, você começava a trabalhar. As obras de referência, seus textos básicos e as suas revistas. E todos vivendo dentro e lá você vê. Agora não,

agora tiraram os livros, puseram na biblioteca central, mas os gabinetes eram dentro das salas, com os livros. Então cada professor estava com seus livros. Tudo respirava material de trabalho. O tal efeito interativo. Só é possível você exigir as coisas se você fornecer as coisas, porque o argumento do professor é esse: “Falta material, eu não tenho material para trabalhar, não consigo material”. Como? Imediatamente o programa de viagens. No fim do ano, eu arranjava subsídios: “O senhor vai viajar, o senhor vai à Europa, o senhor faz isso,” tudo bem. Mas tem que provar que vai fazer isso, fazer isso, fazer projeto, arranjar uma bolsa. É preciso que todo o sistema funcione, porque se o sistema não funciona, não adianta você dizer: “Olha, você, como é? Não vai fazer doutoramento?” “Fazer doutoramento como? Não tem orientador, não tem material, não consigo arranjar bolsa, ganho pouco”. De maneira que fica registrado isso: o sistema complexo, quando possível, completo e interativo. Não há milagres.

*idéia do sistema complexo, completo e interativo, ocorre-me a idéia de um outro, de pensar a questão sob outro ângulo, que é a questão da estrutura, não departamental, mas por meio de cátedras. Porque tudo o que o senhor me disse agora, parece que converge para o catedrático, o professor trabalhando em seu gabinete, com seus assistentes e não para a estrutura departamental. O que o senhor poderia dizer a respeito disso?*

**AA** - Embora o vínculo empregatício fosse em termos de catedráticos, o sistema do Estado era o sistema de carreira de ensino, com um ponto final na cátedra, no sistema catedrático. Nós implantamos, em Assis, o sistema departamental. Mas o sistema departamental caracterizou-se, inicialmente, não por ser apenas um sistema de trabalho corporativo, não era uma corporação de trabalho. Era um sistema departamental no sentido de encontrar uma plataforma de essencialidades em termos de programa de ensino. Eu dou uma idéia. Nós aqui tínhamos Língua Portuguesa, Filologia e

**TM** - *Quando o senhor lança essa*

Língua Portuguesa, Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa, Língua e Literatura Latina, Língua e Literatura Grega, Língua e Literatura Francesa, Espanhola etc. Levamos para Assis o departamento de Letras Vernáculas. Na área do departamento de Letras Vernáculas, estivesse o Professor Antônio Cândido, que era um professor que estava saindo de uma especialidade com títulos de livre-docente para outra, onde faria carreira definitiva, que era de Letras, ele dentro do departamento, estava trabalhando em função do departamento. Então pergunta-se: o departamento de Letras Vernáculas, ele tem, digamos, umas plataformas de encontro dos professores que trabalham ali dentro? Por exemplo: eu não posso – minha matéria é Literatura Portuguesa –, eu não posso trabalhar em Literatura Portuguesa se o meu aluno não tem uma formação filológica. Eu trabalho com textos do século XIII, XIV, como trabalho com textos do século XX. Não há mais dificuldade em ler uma Cantiga de Amigo do que ler um Saramago. É a mesma coisa, quer dizer, eu trabalho com uma

expressão verbal dinâmica. Então ele tem que ter uma boa formação filológica. Então o departamento em que estou, para eu poder dar o meu curso, exige que meu colega de Língua Portuguesa prepare os alunos de determinada maneira. Isso acontece com o professor de Literatura Brasileira, a mesma coisa, mas agora, no campo exclusivamente da Literatura, eu não posso trabalhar e ensinar Literatura a um estudante que não tem conceitos elementares. Por exemplo, se ele não sabe a diferença entre prosa e verso, ele não sabe. Então como é que eu posso falar em poetas e prosadores se ele não sabe nem qual é a diferença entre prosa e verso? Você dirá: “Bom, isso é um problema de Teoria Geral da Literatura, são as formas de expressão literária”. Pois bem, mas se ele não sabe o que é o literário e o não literário, se ele não sabe o que é um gênero literário? Ah, bom, é preciso então no departamento, um curso de Teoria da Literatura. Então o departamento de Letras Vernáculas exige uma preparação em Teoria da Literatura, uma preparação em Literatura Portuguesa, uma pre-

paração em Literatura Brasileira, porque há paralelismo da Literatura Portuguesa, é preciso, é uma literatura de expressão portuguesa, mas que não é a portuguesa e é preciso estudar isto. Mas tudo isso implica com o Latim porque, se nós também não tivermos as bases da língua latina, não podemos nem trabalhar com a literatura humanística do século XVI, então precisamos ir para o Latim. Mas meu Deus, mas tudo isso está implicando com o Grego! Então o departamento de Letras Clássicas tem. Bem, tudo isso para dizer o seguinte: a organização dos programas, a organização do ensino e o desenvolvimento do ensino era departamental, não podia deixar de ser departamental. Agora, individualmente não, porque não existia nenhum compromisso entre o trabalho departamental e a carreira dentro do trabalho departamental. Hoje, porque antes não podia haver dois professores de Literatura Brasileira, não podia haver dois de Literatura Portuguesa. Podia haver um, enquanto aquele estivesse, o outro não podia ter acesso, um impedia o outro. Hoje não, hoje a minha cadeira aqui

na USP tem cinco ou seis professores de Literatura Portuguesa, porque são professores do departamento. A organização dos programas e o desenvolvimento dos programas eram rigorosamente departamentais, embora a carreira, digamos assim, a carreira funcional do professor se fizesse com o regime de carreira de cadeira de professor, catedrático, não existia outro.

**TM** - *Não sei se eu estou cansando o senhor com muitas perguntas.*

**AA** - Não, não, não. Eu não preciso ter trabalhado com tudo para ser um professor de Literatura Portuguesa. Trabalhei em certas áreas, como estou trabalhando e tal, mas tem que ter a casuística, já ter tratado todos os textos. Se você me disser: “Bom, Professor Amora, haverá dificuldades maiores em ler, vamos dizer, dos prosadores portugueses da Idade Média, o Zurara, o Gomes Ianes de Zurara será mais difícil que o Fernão Lopes, o Fernão será mais acessível ou o Rui de Pina, ou El Rei Dom Duarte, do Leal?”.

Bom, tenho que ter o conhecimento dessas coisas todas, devo ter lido tudo isso, devo saber quais são as obras, porque eu não posso orientar doutoramentos sem isso, nem fazer uma carreira de professor, se eu não tiver conhecimento de obras. Eu, por exemplo, trabalhei com o Dom Duarte, século XV, trabalhei – trabalho de investigação científica –, trabalhei com o século XVII e trabalhei com o século XIV, isto é, séculos XIV, XV e XVII. Estas coisas depois, de trabalho, de conferência, é outra coisa, estou dizendo teses de investigação e tudo. Trabalhei, mas tem que conhecer tudo, não posso debruçar-me sobre um prosador do século XVIII sem dizer sei, a obra é esta, poder ler aquilo. Só para explicar a você tudo isso, voltando àquela idéia, levou a ter de suprir o professor desses materiais todos, ele tem que ter esses materiais para poder trabalhar e é para a sua própria formação. Hoje não, é diferente, sabe minha filha? Hoje é a mesma coisa. Hoje você não faz uma formação. Eu costumava dizer, tenho três netas, três moças, hoje já são formadas, eu digo sempre a

elas o seguinte: “Olha, o importante no ensino superior é, primeiro, despertar uma vocação, quer dizer, é preciso gostar de uma coisa, então o professor tem que ter um leque de propostas até você poder, um dia, descobrir lá uma coisa que você gostou. E depois, você, de repente, abrir a cabeça para a criação, quer dizer, você saber que está criando um conhecimento novo, não é que você está aprendendo, não, isso é método Berlitz, então você vai para a Escola Berlitz e aprende num instantinho Inglês, Alemão, Chinês, Árabe, isso é Escola Berlitz. Não. É a tal história, não se pode fazer crítica sem um dia você não sentir dentro da cabeça qual é o drama da crítica, quer dizer, o negócio é difícil mesmo. Aí você vai começar a ser crítica literária.” De maneira que um professor precisa ter material, o professor de Letras tem muito material, tem todo o material de trabalho. Você vê isso aqui, é tudo sobre literaturas estrangeiras: Literatura Oriental, Literatura Grega, Literatura Latina, literatura não sei o quê, Literatura Francesa, Literatura Espanhola, Literatura Alemã, Literatura

Americana, Latino-Americana etc. etc. etc. Porque, embora eu não tenha trabalhado, não tenha nada com isso, não posso deixar de ter as informações, são obras de referência, porque eu preciso trabalhar com certas obras de referência. Não, porque o nosso Camões, ele tinha encontro, neste episódio do Adamastor, aquele célebre episódio do Polifemo, que está em Homero. Quer dizer, tem que ter as obras de referência, tem que ir lá, por acaso sou formado em Grego, mas tenho de ir lá, ver na minha Literatura Grega, no meu Homero, na minha coisa ou na minha enciclopédia, não importa, eu tenho que ver quem é o Sr. Polifemo, entender porque o Adamastor tem relação com o Polifemo. De maneira que, isso que se passa em Letras, obriga a uma abundância de textos, oferecer ao professor, na sua formação para o estudante, sim, porque ele não forma, ele nunca se forma, ele sabe umas coisas, ele nunca se forma, estes são os chamados materiais que nós temos que oferecer. Portanto, voltamos à história das sessões de estudo: é preciso pôr os materiais lá dentro e pôr

uma razão de ser para você ocupar-se do material, é a sua carreira de ensino. E se você não tem carreira de ensino, também não adianta, porque você não faz mais nada, você vai dar aula, porque o professor adquire uma certa facilidade de dar aula, o professor, no início, sempre se defende um pouco, depois é que ele cai num certo automatismo. O alunado, pela lei do mínimo esforço, quanto menos o professor vier a exigir, tanto melhor. Mas a escola não é feita por pessoas atrapalhadas que estão por aí, a tentar arranjar uma coisa para superar a trapalhice da vida. A escola é outra coisa, a escola é uma coisa feita para a pessoa abrir a cabeça e saber para onde vai. Agora, abrir a cabeça e saber para onde vai é um milagre da maiêutica. Enfim, a experiência de Assis foi uma experiência para mim, eu vivi essa experiência desde a madrugada. Eu acordei chamado às 11h30min da noite, pelo telefone dos Diários Associados, dizendo que eu tinha acabado de ser nomeado diretor de uma Faculdade em Assis. Eu não sabia nem onde era Assis. “Está aqui, está vindo do Palácio a notí-

cia”; no dia seguinte eu fui saber o que era isso. Desde a primeira hora e depois, tive a sorte de reunir fabulosos professores e amigos e passamos todos a viver a mesma experiência e a enriquecê-la, não só com a competência e o trabalho de cada um, mas importantemente, com o espírito crítico de cada um, porque o exercício do espírito crítico, eu acho que foi a grande alavanca desta experiência. Porque foi feito com muita preocupação crítica. “Está certo. Está certo. É isso mesmo. É isso mesmo. Estamos acertados? É por aí que você vai, não é por aí que se vai”. Todos exercemos o espírito crítico da melhor maneira.

**TM** - *Professor, gostaria de ter um pouquinho do roteiro biográfico da sua pessoa, se possível pensando em termos, também, de formação acadêmica, desde o início.*

**AA** - Eu nasci aqui em São Paulo, sou filho de cearenses, de velha tradição cearense, deve estar com uns trezentos anos no Ceará, mas nasci aqui em São

Paulo e me criei no Rio. Depois, já vim rapazinho para São Paulo, voltei, tirei parte da escola primária e o ginásio em Guaratinguetá, Colégio Nogueira da Gama, um excelente educandário, tradicional educandário paulista que o meu pai, vindo do Rio, achou um bom lugar para os filhos estudarem. Depois de formado, em 1934, no ginásio, antigo ginásio, eu vim para São Paulo e logo em fevereiro procurei entrar, entrei na Universidade, através do curso universitário que a Universidade estava inaugurando, os chamados cursos universitários, o pré-universitário, o chamado pré-universitário. Pré-universitário para Direito, pré-universitário para Medicina, pré-universitário para Politécnica. O chamado curso universitário foi uma coisa que a universidade inaugurou nos anos 1935, 1936 e 1937. Eu ingressei logo num curso universitário para Direito, porque é o que havia de mais próximo para as minhas tendências para as Ciências Humanas, embora tivesse tido uma veleidade de estudar Medicina, mas não foi possível, porque meu pai era comer-

ciante modesto e não dava para sustentar os filhos em São Paulo. Precisava trabalhar e cuidar da minha vida. Fiz o colégio universitário na Universidade de São Paulo, depois tive notícia da instalação do curso de Letras, já indicando para Direito, cheguei a fazer vestibular para Direito, cheguei a entrar na Faculdade de Direito, mas tinha sabido da Faculdade de Letras, o curso de Letras e tinha um certo pendor assim, para as coisas literárias, que meu pai, embora comerciante, me transmitiu. Eu procurei o curso e fiz vestibular para a Faculdade de Letras e aí, tive a sorte de ter professores extraordinários. O Professor Rebelo Gonçalves, que era o homem fabuloso que dava Filologia Portuguesa e, logo em seguida, passou para o curso de Filologia Clássica, Greco-Latina, um homem que marcou fundo o meu espírito, comecei a entender, estudar uma língua Greco-Latina, para daí ler a *Gramática Duarte Ramos Pereira*. Ler aquelas gramáticas era estudar, era entrar no mundo, no universo dessas línguas e o que se expressava nessas línguas e essas coisas todas. Logo em

seguida, teve um professor de Literatura, que era o Professor Figueiredo. Depois vinha certa coisa, assistente e depois genro, assistente e genro e com quem trabalhei a minha carreira toda. Mas foram homens que marcaram muito a minha vida, porque foram homens com uma cabeça extraordinária, com uma formação científica muito boa, homens que nos exigem mesmo, mas homens notáveis na capacidade de formar gente jovem, de dizer: “É por aqui que se vai, só há um jeito, é por aqui, não há dois jeitos”. De maneira que eu tive essa sorte. O seu conhecido, o nosso colega, o Professor Alfredo Palermo, foi meu companheiro desde o primeiro dia de aula, tanto do Professor Rebelo Gonçalves, tanto do Professor Fidelino de Figueiredo, mas o Professor Palermo construiu a sua vida e eu tive um aceno do Professor Figueiredo para trabalhar com ele e achei que devia trabalhar e aprender o be-a-bá das coisas. E assim se, por acaso, casei com a Helena, mas isso... Várias pessoas não acreditam, eu nem sabia que ela era filha dele. Isso quase me deu uma trapalhada de-

pois, estava namorando uma menina na Barão de Itapetininga, depois vim a saber que era filha do professor. Nossa, que trapalhada, mas depois minha futura sogra se encarregou de evitar a trapalhada, porque podia parecer uma coisa de má intenção. Alfredo foi testemunha disso, sabe que tudo foi casual, o Alfredo é muito amigo da Helena também, sabe? Tudo foi casual. Mais ou menos ela sabia quem eu era, mas eu não sabia quem era ela, enfim, razões. Também vim a ser genro dele e depois conviver intimamente com ele. De maneira que eu tive a sorte de ter grandes professores e aprender o be-a-bá da Crítica Literária, da Crítica Portuguesa e o be-a-bá do ensino da Literatura, já com um grande mestre, com uma grande experiência. O professor me transmitiu uma experiência que começou em 1910, com a reforma da Crítica Literária Portuguesa; terminou em 1930, depois ele foi para os Estados Unidos, já estava selecionando o material dele em Berkeley, em 1931, na Califórnia; selecionando o material dele, como pediram a Lisboa sobre isso, em 1931, na Califór-

nia, ele criou o primeiro curso superior americano de Literatura Portuguesa. Aqui estão as provas todas dos alunos, estão os cadernos, as aulas, as coisas, os catálogos. Mas era um homem que trazia uma experiência. Quando ele estava na Califórnia, o Professor Almeida Prado, que estava no projeto da Fundação - pai do Décio Almeida Prado -, estava no projeto da Fundação de Educação de São Paulo, convidou-o a vir para São Paulo, para dar a Literatura Portuguesa. Ele não pôde sair da Califórnia, acabou vindo para São Paulo só em 1938, depois voltou aos Estados Unidos; em 1936, 1937, tinha várias coisas, enfim, tinha muitos compromissos internacionais, mas isso é para dizer o seguinte: quando ele veio a São Paulo e eu assisti a primeira aula do Professor Fidelino de Figueiredo, em 1938, março de 38, a gente sentia que caía no abismo. Era um curso sobre, ele abriu, estava sem livros, havia uma antologia e era uma página do Oliveira Martins, um grande historiador português, uma página sobre o triunfo de Paulo Emílio, aquela página linda, linda que

ele escreveu sobre a História da Civilização Romana, dele, que ele escreveu sobre Paulo Emílio. Ele disse aquela página ilustrando o que era preciso entender para entender aquilo, porque aquilo começou a crescer, a crescer, a crescer. Tinha realmente um dom excepcional de abrir cabeças, abrir cabeças, só numa conferência abriu uma cabeça, abriu várias cabeças numa conferência. Era um homem, um espírito... Mas eu tive também esse privilégio e então vim realmente a trabalhar com ele, ali, tostão a tostão, a coisinha à toa, não foi brincadeira. Portanto, estou nisso outra vez, estou nisso outra vez. A experiência de Assis para mim foi muito importante, porque me permitiu transformar toda uma formação teórica, não didática, porque eu dava uns cursos, tudo isso, mas toda uma formação teórica sobre o que é uma universidade e eu já vinha de visitar várias universidades, eu já tinha trabalhado na Universidade de Hamburgo, tinha trabalhado, feito conferência em várias universidades francesas e italianas, universidades espanholas, portuguesas, inglesas.

Enfim, era o momento de eu dizer: “Bom, uma universidade se faz assim, faz assim”. Bem verdade que aquilo era uma pequenina célula de uma coisa muito grande, mas é a tal história, uma célula é realmente um microcosmos, ela é uma parte de um organismo, se ela estiver errada, o organismo vai dar tudo errado, o resto vem por multiplicação. Então eu achei que Assis me dava esta oportunidade. É sabido, é público e notório, é sabido isso, que não ganhávamos nada, não podíamos ganhar, porque éramos professores de tempo integral e assim não podíamos receber nada e era função do Estado, do próprio governo. Houve um pró-labore, mas a gente chegava a pedir o pró-labore e devia esquecer. Eu ainda, que já não trabalhava com o meu sogro, mas falei com ele, estive conversando e disse: “Eu acho que, enfim, é a hora de você saber se a coisa funciona, se é isso, se não é isso. Então vai agora, vai fazer”. Então, Assis foi a práxis, a práxis de uma longa gestação, de uma longa e demorada gestação de um ideal universitário, o que é uma universidade, uma

escola superior, o que é um curso de Letras. Foi a práxis. Foi aquele momento. E tive a sorte porque logo veio o governo do Carvalho Pinto e nós fomos amigos desde rapazes, ele era mais velho do que eu, ele era de família de Guaratinguetá e eu fui estudante lá e eu ia lá visitar a família, e o nosso querido Professor Carvalho Pinto teve tudo isso e o céu também. Agora, é preciso dizer, foi posto dentro do Plano de Ação do Estado, levamos os projetos e ele imediatamente fez. Portanto, Assis me deu possibilidade de ver se as coisas funcionavam. Se é assim que, porque não adiantava nada ser professor de Faculdade de Filosofia dizendo: “Deve-se ensinar Literatura assim e não assim” e tal e dar aula para os alunos. “Então muito bem, está aqui o dinheiro, o senhor vai organizar a sua escolinha, vai infernizar aí os alunos na sua escolinha”. Realmente valeu a pena, valeu a pena. Deu muito trabalho, muito trabalho mesmo, a coitadinha da Helena e da Flora, elas dizem sempre que foram anos de sacrifício para elas, porque eu saía daqui domingo à noite ou segunda de madru-

gada e voltava só quarta-feira, toda semana, isto durante nove anos. Para elas, a Flora pequena e tal, quer dizer, todos se sacrificaram. Nessa minha modesta e pobre biografia, vem depois uma outra experiência que para mim valeu muito, valeu muito e que foi a TV Educativa. A TV Educativa da Fundação Padre Anchieta. Eu fui convidado pelo Sodré para participar do projeto da TV Educativa como educador, como professor e para criar um núcleo central na Divisão de Ensino e na parte toda da programação do ensino. Isto foi em 1968. Eu saí de Assis em 1964, com a Revolução. Começaram os atos de violência, eu tive que intervir para libertar professores presos, foi o caso do chefe de polícia lá, tive que intervir. Depois fui para Brasília, no tempo do Zeferino, também para libertar o professor, que estava preso. Depois fui embora para trabalhar na Alemanha. Voltei para a Alemanha, fui trabalhar, fui para a Universidade de Berlim. Fiquei uns tempos fora, digo: “Ando farto de milicos”. Quando voltei, o governador era Sodré, o Roberto, que tinha sido meu aluno no

Colégio Rio Branco; me pediu para trabalhar nesse projeto e eu trabalhei nesse projeto e acho que foi um projeto, também, que valeu a pena. Eu estou até hoje na Fundação Padre Anchieta, sou membro vitalício do Conselho, fui fundador, estou até hoje lá. Mas aquilo foi feito mesmo pedra, pedra, pedra, pedra, pedra. Depois, em 1983, eu achei que já estava virando arroz de festa. Não, depois saí, depois saí da TV 2 e fiz um projeto que me encheu de alegria: foi o curso de Madureza, pelo rádio e pela televisão. Tivemos em cinco ou seis anos quase cinco milhões de alunos e com professores, alguns até dessa primeira experiência, resolvemos fazer um curso de Madureza, pelo rádio e pela televisão. E o Zara, a Editora Abril e os fascículos nas bancas toda semana, o sistema de multimeios e trabalhando maciçamente no chamado ensino supletivo. Foi bem custoso e montamos um projeto empolgante para o Brasil todo, valeu a pena. Depois a Globo ficou com o supletivo de 2º grau. Enfim, na minha experiência, na minha pobre biografia, há essa outra experiência, dig-

amos educacional, numa outra galáxia, que é trabalhar com a chamada educação permanente. Eu achei que, para investigar, contribuir modestamente, não importa, o conhecimento, o aumento do conhecimento é importante, a transmissão do conhecimento. Mas trabalhar a educação permanente é outro grande desafio, sobretudo porque estava fora do sistema escolar, num país como este, onde há mais gente fora do que dentro. Eu estive na Inglaterra também. Comprei biblioteca, montei, estive num projeto da Open University; estive em Paris, em Mont Rouge, na Rádio e Televisão Francesas; que faziam filmes educativos. Vi na Itália, na RAI, na Espanha, enfim foi um projeto, só não vi no Japão. Vim para cá e realmente, um bom projeto, bom projeto! Me aposentei em 1970 na USP, para me concentrar mais no Projeto da Rádio e Televisão Educativa e para deixar a carreira, ainda era catedrático, para poder dar a vaga para o Spina, mas o Spina foi para a Língua Portuguesa, foi a vaga do Silveira Bueno, e Massaud Moisés veio para a minha cadeira e já abriu vaga para

um outro. Aquilo era assim, um pouco arrumação dos sapatos na sapateira, para você tirar um par de sapatos, você tem que pôr um par de sapatos novos, senão não entra na sapateira. E, portanto, eu estou agora concentrado em outros trabalhos. Veio o centenário do meu sogro em Portugal e a Biblioteca Nacional de Lisboa, em que ele foi diretor duas vezes, pediu-me para organizar as comemorações do centenário. Organizei, recolhi trabalhos sobre ele e ainda estou terminando de organizar trabalhos para o centenário dele que já passou, mas ainda estou trabalhando nisso. Depois entrei na Academia Paulista de Letras, acho que é uma outra galáxia também, é a galáxia da Literatura como criação literária, não da Literatura como crítica, nem da Literatura como ensino e já estou lá há mais de 15 anos, e agora estou na presidência da Academia Paulista de Letras e estou também fazendo uma experiência engraçadíssima. Resolvi também fazer a minha experiência, quer dizer, como é que se dirige uma Academia de Letras? A Academia Paulista é um patrimônio de

quase cem anos, um belíssimo patrimônio, riquíssimo, esplêndido patrimônio e, portanto, estou já há um ano, vou para o segundo ano agora, depois desse e estou trabalhando na preservação desse patrimônio, na divulgação e no enriquecimento desse patrimônio, na dinamização desse patrimônio. Enfim, o que não falta, minha filha? A minha vida tem tudo, só não tem monotonia.

**TM** - *Perfeito, professor. Eu estou até meio sem graça de tantas perguntas. Vou fazer uma última, mas o senhor se sinta à vontade de falar quanto quiser. A colocação que o senhor fez no início, é de que a USP promoveu uma diáspora, empurrando seus pesquisadores e professores para atender a essa demanda de interiorização da cultura. Bem, em 1976, cria-se a UNESP, uma universidade que foi criada num movimento, vamos dizer - seria inverso? - de agregação. Como o senhor vê a criação da UNESP nesses moldes, de juntar escolas tão diferentes, em estágios tão diferentes, com projetos acadêmicos tão diferentes, numa única*

*instituição, numa Universidade?*

**AA** - Um Instituto Isolado não se confunde com a Universidade, nem quantitativamente, do ponto de vista do peso absoluto, nem substancialmente, nem nas chamadas perspectivas e possibilidades. O Instituto Isolado tem muitas limitações e, portanto, a UNESP foi absolutamente necessária. Quer dizer, o risco desses Institutos Isolados era realmente eles dessorarem, perderam o soro, perdem, vai ficando caseína, acaba virando caseína. Quer dizer, é um queijo, não é nada, caseína, ninguém vai comer aquilo, ou deixar de comer, mas também não estraga. Aquilo é capaz de ficar em estado permanente de caseína, quer dizer, dessora. Uma Universidade é em si, antes de mais nada, digamos, um volume muito grande, pela quantidade de Institutos que entram, e uma Universidade tem que ter uma política para se constituir, para se impor e para aumentar a sua potencialidade. Isso vai depender daquilo que se chama a política do reitor e de quem cerca o reitor. O reitor é

a cabeça que vai, não interessa que um Instituto esteja no Amapá, outro Instituto esteja na Uganda, há universidades assim constituídas, há universidades mundiais. Há uma universidade, existe uma universidade mundial, à que contribuem vários países, unidades das mais variadas. O atual reitor é até o professor Heitor de Souza, e a sede é em Tóquio. Quer dizer, pouca gente sabe disso, mas tudo isso está se movimentando segundo uma política mundial, na Universidade. Portanto, a UNESP era uma necessidade, mas é preciso que a UNESP continue a trabalhar na política de revitalização das suas unidades. Elas não são escolas de alunos, elas são instituições de pesquisa, de publicação de trabalhos de revitalização. É preciso continuar a política que o Landim está fazendo, uma política boa de revitalização. É preciso a política de, digamos assim, de representatividade dessa instituição, isto é, ela precisa vir a público com uma personalidade, com uma produção, é o que tem a UNICAMP. A UNICAMP vem a público porque tem determinados trabalhos que projetam

a UNICAMP internacionalmente, nacionalmente, e certas coisas que acontecem lá. É preciso o Mengele, a cabeça do Mengele, o esqueleto do Mengele, o crânio do Mengele, tudo. Vai um técnico da UNICAMP e a UNICAMP já é projetada no mundo inteiro, porque o mundo inteiro falou do Mengele, e é preciso saber se a cabeça do Mengele é do Mengele, não é do Mengele e vem lá um matuto lá da UNICAMP etc etc.: “É sim, a cabeça do Mengele”. Quer dizer, a UNICAMP projetou-se. Então é preciso essa representatividade, quer dizer, uma política de desenvolvimento que o Zeferino tinha, deixa eu dizer entre parênteses. O Zeferino trabalhava assim: uma boa escola e alguns elementos excepcionais capazes de projetar a escola mundialmente, internacionalmente. Ele era capaz de dar a um sujeito que passava a vida procurando som em flauta, mas toda gente dizia: “O homem da flauta está na UNICAMP, ou está em Ribeirão Preto”. Não interessa se é uma flauta, não interessa, a flauta é o negócio dele. O papa-níqueis tem a flauta, ele com aquela flauta, o dinheiro

com que ele ganha flauta! A política do Zeferino sempre foi essa. É preciso que a universidade se projete, se imponha. Se não é possível fazer como um todo, ela se faz com um ou outro elemento. Onde lá um professor é especialista em baba de aranha, mas é o único sujeito no mundo que mexe com baba de aranha, algum dia vão precisar da baba de aranha dele, e a UNESP terá que começar a juntar as suas potencialidades, começar a trabalhar a projeção dessas potencialidades. Evidentemente, também, tem de fazer uma política, digamos assim, de expansão, saber o que vai crescer e o que não vai crescer. O que será mantido como serviços, dentro das suas qualidades respeitáveis, de serviços e as coisas onde é preciso investir, porque elas podem subir o patamar além de simplesmente o serviço e passar a ser contribuição para o aumento...

Eu acho que a UNESP está certa. Está certa começando a desenvolver uma política que visa a organizar, a reorganizar o seu corpo, não interessa onde ela

esteja, onde estejam as unidades, tenho certeza. Nada mais disperso do que a Universidade da Califórnia, uma universidade mundial, a Universidade da Califórnia e tudo funciona, é uma coisa só, embora Los Angeles seja uma coisa, cada campus tem as suas peculiaridades. Realmente faça essa organização, essa reorganização, defina bem essa reorganização, imponha, quer dizer, a política, digamos assim, de prestígio, de conquista de prestígio público. Porque, minha filha, na hora de conseguir os recursos orçamentários é que o prestígio conta. Não adianta o reitor estar por dentro da maioria dos pedidos de orçamento, essas certas pessoas que não têm coragem de dizer, quando há pessoa com problemas de saúde, nem o corpo se levanta e a cabeça também perde. Quem é que vai resolver também o problema das universidades? De maneira que é preciso isso e depois começar a política de desenvolvimento, não uniforme. Eu acho que há uma conclusão em tudo isso... Na vida acadêmica, universitária, sejamos professores, ou sejamos diretores, ou sejamos alunos,

é preciso estarmos conscientes de uma coisa: os problemas são permanentes e a procura de solução para os problemas tem que ser permanente. Não há obra conclusa. Ninguém pode dizer: “Bem, eu vou organizar a UNESP. Pronto, está organizada. Olha, viu como está bonita?” Não, a UNESP será sempre uma instituição em expansão, uma instituição problemática, exigindo solução para os seus problemas. São instituições vivas e tudo. O que existe assim, idealmente, são os modelos que a gente persegue. Nós estamos perseguindo modelos, mas nunca se chega. Acaba um reitorado, começa outro reitorado e há outras coisas para fazermos. Agora, conduzir uma universidade ou conduzir uma escola superior sem objetivos e sem perseguir estes objetivos, não leva a nada. É preciso ter objetivos e perseguir estes objetivos, senão este chamado varejo leva a vida do reitor: “Não, agora estou, estamos aqui com um problema, o problema aqui é de reforma do telhado. O telhado precisa demolir...” O reitor está desfeito no varejo, que é isso, está tudo errado. Por isso existe um

Conselho Universitário onde, senão todos, pelo menos há algumas pessoas que sabem o que é uma universidade e qual é o modelo ideal para onde devemos ir. E então temos que dar volta disso. Em São Paulo há, hoje, está em um artigo do nosso Lobo da USP, a propósito disso: de repente os professores acordaram na USP, porque a USP estava perdendo completamente a tramontana, quer dizer, estava perdendo o timão, a coisa, o barco andava aí já, parecia uma casca de noz no meio de uma enxurrada, a USP já não sabia nem mais por onde ia, se ia para a coisa política, se não ia para a coisa política. E agora o Lobo está começando... Já começou com o Goldemberg e tudo, já estão começando a dizer: “Não, espera aí, meu filho, o negócio é ir por aqui”. Eu acho que o Landim também está muito preocupado com isso e você pode discutir se o objetivo está certo ou errado, isso pode, mas tem pelo menos que discutir.

**TM** - *Certamente, é o que será feito. Professor, muito obrigada pelo seu*

*depoimento, ele irá nos ajudar muito na compreensão da história de nossa Universidade. Muito obrigada.*